



Experiências de saúde indígena com a etnia Xukuru Kariri


Indigenous health experiences with the Xukuru Kariri ethnicity

 DOI: 10.5281/zenodo.8050641

 ARK: 57118/JRG.v6i13.642

Recebido: 06/05/2023 | Aceito: 17/06/2023 | Publicado: 01/07/2023

Fabius Jorge Rosas Marques Luz de Amorim Filho¹


 <https://orcid.org/0000-0003-0910-4044>

 <http://lattes.cnpq.br/0174572664639642>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: fabius.maceio@gmail.com

Adylina Francinny Lucio dos Santos²


 <https://orcid.org/0000-0002-7116-3873>


 <http://lattes.cnpq.br/5440577299931913>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: afrancinny7@gmail.com

Gabriela do Nascimento da Silva Oliveira³


 <https://orcid.org/0009-0001-3712-2963>


 <http://lattes.cnpq.br/5628616171441181>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: gabrieladonascimento@outlook.com.br

Uirassú Tupinambá Silva de Lima⁴

 <https://orcid.org/0000-0002-5760-5516>

 <http://lattes.cnpq.br/2550156851389666>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: uirassu.lima@cesmac.edu.br



Resumo

Introdução: Assim como todo cidadão brasileiro tem o direito à saúde, a população indígena também deve receber uma assistência integral, sendo necessário o respeito aos costumes ali já empregados baseando-se nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). **Objetivo:** realizar uma reflexão crítica, a partir de um olhar diverso, curioso e interessado para uma unidade primária de atenção à saúde indígena do SUS. **Metodologia:** Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado durante visitas à comunidade indígena *Xukuru Kariri*, localizada no município de Palmeira dos Índios – AL, no período de 2018 a 2019. **Resultados:** Explicação das experiências dos pesquisadores com o mencionado grupo de saúde indígena. Sendo agregado a estas, algumas classificações epistemológicas relacionadas, e a visualização da teoria de *Madeleine Leininger* na prática. **Conclusão:** A capacitação e especialização baseada em uma abordagem etnocultural dos enfermeiros não indígenas, o saber

¹ Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC.

² Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC.

³ Nutricionista, graduada em Nutrição pelo Centro Universitário CESMAC.

⁴ Psicólogo, graduado em Psicologia pelo Centro Universitário CESMAC. Enfermeiro, graduado em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal de Alagoas (Universidade federal Brasileira). Mestre em Ensino na Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidad Nacional de Rosário - UNR (Universidade pública federal da República Argentina).

científico e o saber empírico precisam trabalhar juntos para a boa adesão destas condutas na aldeia.

Palavras-chave: Cultura indígena. Saúde de Povos Indígenas. Transculturalidade.

Abstract

Introduction: *Just as every Brazilian citizen has the right to health, the indigenous population should also receive comprehensive care, and it is necessary to respect the customs already used there based on the principles of the Unified Health System (SUS). Objective: To perform a critical reflection, from a diverse, curious and interested look at an SUS indigenous primary health care unit. Methodology: Descriptive study, of experience report type, carried out during visits to the Xukuru Kariri indigenous community, located in the municipality of Palmeira dos Índios – AL, Brasil, in the period from 2018 to 2019. Results: Explanation of the researchers' experiences with the mentioned indigenous health group. Being aggregated to these, some related epistemological classifications, and the visualization of Madeleine Leininger's theory in practice. Conclusion: Training and specialization based on an ethnocultural approach for non-indigenous nurses, scientific knowledge and empirical knowledge need to work together for good adherence of these conducts in the village.*

Keywords: *Indigenous Culture. Health of Indigenous Peoples. Transculturality.*

1. Introdução

Esta pesquisa teve como objeto de estudo as experiências desafiadoras de estudantes de enfermagem na atenção integral à saúde dos povos indígenas na perspectiva da atenção primária do Sistema Único de Saúde (SUS).

A população indígena brasileira, segundo resultados do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, somam cerca de 896.917 mil indígenas, dos quais 572.083 vivem na zona rural e 324.834 habitam nas zonas urbanas brasileiras. Os dados estatísticos revelaram que em todos os Estados da Federação, inclusive no Distrito Federal, há povos indígenas (IBGE, 2010 apud IBGE, 2022).

Com o processo de globalização o, há busca por novos empregos, por uma formação profissional, ou até por uma boa assistência à saúde, resulta na migração de uma parcela dessa população da zona rural para a zona urbana, mas em contrapartida, ainda se encontram muitas famílias nas aldeias, preservando as tradições e repassando o conhecimento herdado pelos seus antepassados (CUENIN; PIRAUX, 2020).

Assim como todo cidadão brasileiro tem o direito à saúde, educação, moradia e lazer, os moradores das aldeias indígenas devem receber uma assistência integral, sendo necessário o respeito aos costumes ali já empregados e garantindo os mesmos princípios que regem o Sistema Único de Saúde (SUS), tais como, a universalidade, a integralidade e a equidade, junto com a participação social dos representantes de saúde dessas comunidades (VIANA et al, 2020).

Para que os saberes empíricos passados de geração a geração fossem aceito pelas enfermeiras que prestavam assistência nas aldeias, foi criada a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas aprovada em 2007, onde afirma que “os povos indígenas têm direito a suas próprias medicinas tradicionais e a manter suas práticas de saúde, bem como desfrutar do nível mais alto possível de saúde, e

os Estados devem tomar as medidas necessárias para atingir progressivamente a plena realização deste direito” (ONU, 2007 apud SOUZA, 2021).

Na enfermagem há uma proposição teórica que pode contribuir no cuidado e na preservação cultural desses povos, que é a Teoria Transcultural, desenvolvida na década de 60, por *Madeleine Leininger*, uma enfermeira e antropóloga estadunidense. Esta perspectiva considera um cuidar integrado, englobando crenças, valores, experiências, e práticas de saúde que fazem parte da cultura da comunidade (SILVA et al, 2021).

Madeleine utilizava um método de pesquisa que foca no contexto cultural e dos cuidados voltados à saúde de uma cultura específica. Os trabalhadores, desse modo, podem obter uma visão mais ampla dos aspectos culturais que predominam neste contexto e este conhecimento serve como base para a tomada de decisões com ações de cuidado e de modo humanizado com qualidade (SILVA et al, 2021).

Esse método de pesquisa é chamado de *etnoenfermagem* e foi desenvolvido pela teórica com base na antropologia, com a finalidade de desvendar a diversidade e universalidade cultural e obter novos conhecimentos em enfermagem. Os dados locais revelados pelos informantes culturais geram interpretações, explanações de comportamentos, valores culturais específicos e são comparados aos dados éticos, que refletem os pontos de vista e valores dos profissionais. Desse modo, as enfermeiras identificam e comparam os dois diferentes pontos de vista, o que ajuda a prevenir e reduzir as práticas de enfermagem impositivas, geradoras de possíveis conflitos éticos e morais (GOMES et al, 2021).

A motivação inicial para o desenvolvimento desse estudo foi a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (BRASIL, 2002) que integra a Política Nacional de Saúde, compatibilizando as determinações das Leis Orgânicas da Saúde com as da Constituição Federal, que reconhecem aos povos indígenas suas especificidades étnicas e culturais e seus direitos territoriais. E assim, tornando relevante este estudo acerca das experiências discentes em situações de cuidado a pessoas indígenas numa perspectiva transcultural.

A hipótese matriz é de que a socialização dos processos de trabalho da enfermagem, a partir de como estes são sentidos pelos profissionais, são reveladores e fundamentais para um repensar da práxis baseada em evidências humanas, culturais e científicas.

Pelo exposto, esta pesquisa teve o objetivo de realizar uma reflexão crítica, a partir de um olhar diverso, curioso e interessado para uma unidade primária de atenção à saúde indígena do SUS.

2. Metodologia

Consistiu em uma pesquisa descritiva do tipo relato de experiência (RIL), que segundo CERETTO, GIACOBBE (2019) e MUSSI (2021) é um tipo de estudo que relata uma vivência acadêmica e/ou profissional, produzindo conhecimento e agregando reflexões na práxis, ou seja, uma descrição minuciosa de uma ação social ou um conjunto de ações em um dado âmbito profissional.

Esta pesquisa segundo as diretrizes da Resolução CNS/MS 196/96 não requer submissão para o COEPE para apreciação ética, por se tratar de um relato de experiência dos próprios autores, no local onde ocorreu as vivências extensionistas.

O cenário das vivências e implementação deste RIL foi a comunidade indígena *Xukuru Kariri*, localizada no município de Palmeira dos Índios no interior do estado de Alagoas nordeste do Brasil, no período de 2018 a 2019, sendo realizada a primeira visita no mês setembro de 2018 e a última no mês de novembro de 2019.

Tudo começou durante uma das olimpíadas do conhecimento do curso de enfermagem do Centro Universitário Cesmac, onde são desenvolvidas uma série de atividades pelos estudantes do curso, onde são distribuídos temas voltados para o processo de saúde doença, políticas afirmativas e pessoas negligenciadas. No ano de 2018 foram propostos temas, como, as comunidades e populações que são, por muitas vezes, negligenciadas no cuidado à saúde.

As olimpíadas ocorreram no CESMAC que é uma instituição de ensino superior, no campus I onde está centralizado a maioria dos cursos da saúde, situado no bairro do farol, na cidade de Maceió, capital de Alagoas.

A escolha dos temas deu-se através de sorteios, onde a turma do quarto período do curso de enfermagem do ano de 2018, foi presenteada pela temática Saúde Indígena. A meta das olimpíadas era criar um olhar crítico para os fatores condicionantes e determinantes da saúde dessas populações, assim, foi sugerido uma visita a uma aldeia indígena.

O planejamento deu-se por meio dos seguintes momentos, o primeiro foi a escolha de uma aldeia que aceitasse receber os estudantes extensionistas, e esse contato foi realizado a partir de parcerias com alguns projetos que já tinham acesso a aldeias, um deles foi o NAFRIDH, que é o Núcleo Acadêmico Afro-indígena e dos Direitos Humanos do Centro Universitário Cesmac, do campus agreste, localizado no município de Palmeira dos Índios.

O primeiro contato foi realizado através de conversas por meio dos aplicativos de mensagens, como o WhatsApp e Instagram, com alguns representantes da aldeia, onde foi lançada uma proposta para realizar uma visita com o intuito de conhecer os costumes, tradições, estrutura, acesso à saúde entre outros pontos, daquela comunidade.

O segundo momento se constitui no deslocamento dos estudantes para chegar até a aldeia, em uma viagem de aproximadamente três horas. A saída ocorreu às 6h da manhã da cidade de Maceió, foi feito o percurso de 135 km até a chegada na cidade de Palmeira dos Índios.

O ponto de encontro deu-se no Polo Base indígena que é localizado dentro da cidade Palmeira, como a aldeia é localizada fora da zona urbana, os extensionistas precisaram de auxílio de um guia para chegar na comunidade.

Utilizou-se das seguintes técnicas de coleta de dados: diário de estágio, observação estruturada com pesquisadores participantes, consulta a ficha de atendimento clínico a essa população e análise da estrutura física. Não foram utilizados dados pessoais, apenas aqueles de interesse para ilustração do presente RIL.

3. Resultados

Aqui será narrado as experiências dos pesquisadores com o mencionado grupo de saúde indígena, de maneira passo a passo as suas ocorrências temporais e espaciais. Sendo agregado a estas, algumas classificações epistemológicas relacionadas.

Assim, o ponto de partida deu-se no Polo Base Indígena daquela cidade, onde é uma das conexões da rede de atenção à saúde indígena, que segundo a portaria 1.317/17 do Ministério da Saúde, é uma sede que deve ser localizada na zona urbana com o intuito de administrar e organizar os serviços de saúde que abrangem um determinado número de aldeias de uma localização específica.

O Polo Base da aldeia *Xucuru Kariri* ficava localizado na zona urbana da cidade de Palmeira dos Índios, foi no polo onde a equipe de pesquisadores marcaram o

encontro com os indígenas que iriam levá-los até a aldeia, pois o caminho era de difícil acesso para os visitantes.

Chegando no Polo Base os estudantes conheceram toda a estrutura e a equipe que estava trabalhando naquele momento, e foi discutido como o Polo funcionava e a importância de ter profissionais indígenas trabalhando naquele local. Observou-se que alguns profissionais não indígenas também faziam parte da equipe multidisciplinar, foi explicado que estes recebiam capacitação e educação permanente, para atender com excelência a comunidade indígena.



Fig. 1 - Entrada do Polo Base *Xucuru Kariri*;
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2018
(Fotografia apresentada apenas para efeito de ilustração)

Também era no Polo onde aconteciam as reuniões, para discutir sobre os agravos que estavam acometendo as comunidades indígenas, fazer o levantamento epidemiológico, relatar sobre as dificuldades encontradas durante a assistência da equipe multidisciplinar, discorrer sobre o processo saúde doença e planejar intervenções necessárias para a melhoria da qualidade de vida dos moradores indígenas dentro das aldeias.

Os indígenas têm livre acesso ao seu Polo Base, durante a visita, foi visto algumas pessoas esperando marcações de exames, dispensação de medicamentos, consultas com a enfermeira, imunização, entre outras atividades, muitos elogios foram lançados a equipe, mostrando que o trabalho realizado estava dando resolutividade a esses usuários e comprovando a importância do Polo Base para a população indígena daquela localidade.

Logo após a visita ao Polo Base, a equipe de pesquisadores foi levada para a aldeia, um local de difícil acesso, o caminho era de barro, não tinha sinalização além de ser um local afastado da zona urbana, por este fato os estudantes foram acompanhados por moradores da aldeia até o destino final, ao longo do percurso, foram visualizados escolas, ocas e algumas casas de alvenaria afastadas uma das outras.



Fig. 2 – Escola Estadual Indígena Xucuru – Kariri Yati Leânawan, localizada dentro da aldeia indígena Xucuru Kariri;

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2018.
(Fotografia apresentada apenas para efeito de ilustração)

As imagens visualizadas pelos estudantes, não coincidiam com o que se era imaginado por eles, já que desde a infância as pessoas não indígenas, são estimuladas a pensarem que os indígenas viviam comunidades isolados, em grandes ocas, sem acesso à escola, transporte, saneamento, saúde, entre outros pontos.

Depois de alguns minutos do traslado, chegou-se ao destino final, a aldeia indígena, onde concentrava a maior parte da comunidade da etnia *Xucuru Kariri*, a equipe foi recepcionada pela enfermeira da aldeia, que acompanhou os extensionistas até a unidade básica de saúde indígena.

A enfermeira da unidade relatou sobre a rotina dos atendimentos realizados, as dificuldades encontradas no cotidiano com a população sobre a aceitação de alguns procedimentos e acompanhamentos da saúde, tais como, pré-natal, a resistência de algumas mulheres em realizar o exame de rastreamento citopatológico, entre outros pontos.

A estrutura da unidade estava precária, segundo informações de alguns moradores que estavam presentes no momento da visita, ela teria sido inaugurada no ano de 2001, e desde então não recebeu nenhuma reforma, nem modificação ou melhoria estrutural, deixando o local com semblante de abandono.

A unidade era bem dividida com a presença de salas de procedimentos, sala de espera, consultório enfermagem e sala de vacina, além disso também foi notado cartazes do ministério da saúde espalhados nas paredes, e no dia da visita estava tendo uma ação com os hipertensos e diabéticos, que tinha sido organizada pela equipe multidisciplinar do Polo Base.

Apesar de todas essas observações estruturais, a unidade funcionava normalmente, suprimindo as necessidades daquele povo, além da unidade, a enfermeira levou os estudantes para conhecer um local próximo chamada “*Magia da Terra*” que trabalha diretamente ligado ao processo de saúde - doença da comunidade, trabalhando em conjunto com a unidade de saúde.

Na “*Magia da Terra*”, era no formato de uma grande oca, mas não era como as outras, pois o seu teto era telha não de palha como costuma ser, mas tinham palhas de coqueiro ao redor, deixando o ambiente mais reservado, ao centro tinha uma grande mesa com dois longos bancos que a acompanhava, o chão era de terra, as colunas eram de madeira espalhadas por lado local, tinham filtro dos sonhos pendurados no telhado.



Fig. 3 - Entrada do Local chamado “Magia da Terra”;
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2019.
(Fotografia apresentada apenas para efeito de ilustração)

Foi neste local que os extensionistas conheceram uma indígena idosa que ficava responsável pela “Magia da Terra”, onde ela mostrou como tudo funcionava, ela era considerada uma das principais curandeiras daquela aldeia, ela e a enfermeira trabalhavam em conjunto, formavam uma equipe, trocavam conhecimentos e atendiam aos pacientes que necessitavam de cura física e/ou espiritual.

Na “Magia da Terra” também foi apresentado algumas terapias integrativas que eram realizadas na aldeia, tais como, as ervas mais utilizadas nos tratamentos de insônia, argilas usadas no tratamento de dores crônicas, lambedores usados como expectorantes para doenças respiratórias, aromaterapia, entre outras terapias utilizadas por eles.

Por cima da grande mesa localizada ao centro da oca, estavam alguns acessórios que eram comercializados pelos indígenas, tais como, lanças, arcos e flechas, adereços, cocares, todos os materiais confeccionados pela própria comunidade, de forma manual, onde tinha não só a finalidade de aumentar a renda, mas também de propagar a sua cultura para os visitantes.



Fig. 4 - Lanças e Macarás confeccionados na aldeia
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2019.
(Fotografia apresentada apenas para efeito de ilustração)

Os materiais comercializados tinham um grande valor cultural para aquela comunidade, foi explicado aos extensionistas as suas funções e também demonstrado como cada um deles eram utilizados, as pinturas que constavam nas lanças, a forma do trançado dos braceletes, as penas utilizadas nos cocares, a forma que elas eram compostas o entorno da base do cocar, demonstrando a particularidade de cada um.

Tradicionalmente os visitantes da aldeia, tinham o incentivo de vivenciar e experimentar as tradições e formas culturais das raízes indígenas, sendo assim, os pesquisadores tiveram o prazer e a oportunidade de fazer parte, mesmo de forma simbólica, da cultura dos povos maternos.

Foram experimentados, frutas nativas, os brincos de penas, colares e braceletes, cocares, também foi dito sobre a constante presença de animais selvagens que passeavam livremente pelas ruas da comunidade, mostrando a parceria e a preservação das raízes culturais indígenas no cuidado da natureza, meio ambiente e dos animais.



Fig. 5 - Autor experimentando um cocar confeccionado pelos indígenas dentro da oca, "Magia da Terra".

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2019.

(Fotografia apresentada apenas para efeito de ilustração)

Em uma das visitas realizadas pelos extensionistas, foi apresentado outros locais de convívio, tais como uma das escolas que estão dentro da aldeia. Esta visita foi para a realização de uma ação voltada à educação em saúde das crianças indígenas, onde foi abordado sobre a vacinação, higiene bucal, autocuidado com a saúde, entre outras temáticas.

Para o encerramento da ação, os extensionistas planejaram uma apresentação, que consistia em uma dança típica de criança não indígena, com isso foi lançada uma proposta, pelas autoridades indígenas do local, a finalização do evento por meio de uma dança cultural indígena chamada *Toré*, os pesquisadores aceitaram a proposta e realizaram a dança infantil não indígena e logo após iniciaram a dança *Toré*, junto com todos os que estavam no recinto.



Fig. 6 - Dança *Toré*, realizada entre os indígenas e os pesquisadores.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2019.

(Fotografia apresentada apenas para efeito de ilustração)

Logo após este momento, os acadêmicos receberam o convite para que possam voltar mais vezes, e assim realizar ações em saúde dentro da comunidade, como uma forma de fortalecer o conhecimento dos moradores da aldeia, durante o seu processo de saúde e bem-estar. Essa troca entre o conhecimento científico e o conhecimento empírico, cria um estímulo para que seja uma comunidade participante e autônoma em seu cuidado, prevenção e recuperação da saúde.

4. Discussão

Segundo a história contada por NEVES (2019) a etnia Xukucu Kariri foi a fusão entre outras etnias originárias, em 1740 os Xukurus saíram do estado pernambucano e encontraram com os Kariris que viviam às margens do Rio São Francisco no estado alagoano. Ambas as etnias fugiam do processo de perda de terras e de escravidão causado pelos colonizadores, criando um refúgio na Mata dos Palmares, hoje, município de Palmeira dos Índios (VIEGAS, 2019).

Com o passar dos anos e com o nascimento do SUS houve a criação de políticas centradas no modelo de assistência a atenção a população indígena, um exemplo, é uma das Leis Orgânicas da Saúde, a 8.080/90, que no seu artigo 19-B, destaca o Subsistema de Atenção à Saúde dos Povos Indígena (Sasi SUS), que enfatiza as ações e assistência dessa população, para propiciar uma integração no atendimento necessário em todos os níveis de complexidade, sem discriminações.

Dentre os serviços de saúde criados para padronizar a assistência à saúde desta população está o Polo Base Indígena, que segundo o Ministério da Saúde (2021), o Polo está dentro do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) que é uma unidade gestora do Sasi SUS. Estes programas foram criados com o intuito de alavancar o acesso e a assistência à saúde das comunidades indígenas, preservando seus aspectos culturais e tradições no processo de cuidado à saúde (FERREIRA, 2019).

No corpo profissional de saúde que fazem parte da equipe multidisciplinar na atenção especializada à saúde indígena, destaca-se a atuação do enfermeiro como um dos profissionais que está diariamente próximo desta população, requerendo uma capacitação especializada e cursos de aperfeiçoamento no atendimento a comunidade indígena (SANTOS; CARDOSO; SIQUEIRA; 2021). Desta forma é de grande valia que este profissional busque atualizações, através da educação permanente em saúde (OLIVEIRA; RIVELLI, 2020) principalmente oportunizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS-UNASUS) e por instituições de ensino superior colaboradoras.

O enfermeiro que atua na atenção à saúde indígena, deve construir o seu Processo de Enfermagem (PE) baseado na epidemiologia, nas condições socioculturais, tradições e crenças daquela etnia (SILVA CE, et al., 2021). Uma das teorias de enfermagem que pode ser utilizada é a de *Madelene Leiniger*, ela relata como deve-se abordar populações com culturas específicas, respeitando os valores e tradições, trabalhando em conjunto com as autoridades locais para uma boa adesão no trabalho em saúde daquela comunidade (SILVA RE, et al. 2021).

Leiniger enfatizou a *transculturalidade*, destacando que cada povo tem os seus próprios meios para realizar a prevenção, diagnóstico, tratamento e recuperação da saúde, e o enfermeiro deve observar, planejar e executar a sistematização da enfermagem através de meios que não inflijam e desrespeitem os saberes da população, mas que contribua, trabalhem juntos durante o processo de saúde doença em prol da cura, reabilitação e manutenção da saúde (SILVA AGI et al. 2019).

Durante todo processo de adaptação e adoção dos costumes da etnia, o enfermeiro da unidade de saúde indígena, deve ter sua capacitação de forma progressiva e contínua (OLIVEIRA; RIVELLI, 2020). O enfermeiro que trabalha em aldeias necessita de uma autoavaliação cotidianamente para que o nível de assistência prestada seja o de maior excelência possível, atendendo todas as necessidades daquele povo, sem discriminar ou aniquilar aquilo que é defendido como processo de cura daquele local (GOUVEIA; SILVA; PESSOA, 2019).

Segundo estudos realizados com enfermeiros na sede do Distrito Sanitário Especial Indígena Rio Tapajós (DSEI RT) do estado do Pará, relata que o desejo de trabalhar voltado para a saúde indígena vai além do viés salarial. Destaca também que é uma questão de vocação, que esses profissionais têm uma inclinação natural, competência e aptidão para exercer esse cargo em um meio cultural diferente do que o mesmo cresceu (MAIA et al, 2021). O enfermeiro encara a saúde indígena como uma oportunidade de realização pessoal, desejo de trabalhar com o que lhe atrai e acima de tudo, visando a valorização da cultura do seu cliente e da comunidade (SILVA CE, et al., 2021).

Muitas vezes as diferenças culturais podem afetar na adesão aos cuidados, já que ainda há uma resistência em certos procedimentos, e em uso de algumas medicações (FERNANDES; SIMPSON, 2016). É necessário que tenha três grandes ferramentas para se relacionar, são elas, empatia, afeto e confiança, assim torna-se mais acessível ter um diálogo, e fazer um acordo entre ambas as partes sobre o tratamento (VIANA, et al. 2020).

Um exemplo dessas particularidades culturais da comunidade indígena apresentadas aos extensionistas foi o *Toré*, que segundo SANTOS; BEZERRA (2020) é um ritual de grande relevância para a comunidade *Xukuru Kariri*, pelo fato de juntar, dança, canto, fé, devoção e a ancestralidade vivas, manifestando, mantendo e honrando a religiosidade dos seus antepassados. O toré é uma referência nas etnias indígenas nordestinas, é destacado pelo autor VENANCIO (2021) como uma especialidade cultural desta região.

Na atualidade a atenção à saúde indígena requer dos enfermeiros e demais profissionais de saúde, um tipo de assistência especializada, uma formação diferenciada, que articule o conhecimento científico e empírico, fortalecendo não só a equipe da atenção primária, mas também, dos outros níveis de complexidades, garantindo uma assistência de excelência, assim como previsto na Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (RODRIGUES et al. 2020).

5. Conclusão

Esta vivência em pauta, revelou de forma extraordinária, como a saúde dos povos indígenas, especialmente a da etnia onde foi realizada as visitas, têm sido por algumas vezes negligenciadas por algumas autoridades, sobretudo no tocante a maiores investimentos em reformas e construções de estruturas dignas com vistas a um atendimento qualificado para toda a comunidade indígena conforme preconiza o SUS.

Evidenciou-se a necessidade de educação permanente significativa com base na abordagem etnocultural para os enfermeiros não indígenas, que trabalham diretamente ligados a assistência à saúde com este público, para um despertar da percepção de um olhar clínico, porém respeitoso no contexto cultural, assim como foi destacado na teoria de *Madeleine*, o saber científico e o saber empírico precisam trabalhar juntos para a boa adesão destas condutas na aldeia.

Essa experiência foi de grande valia pelo fato de que os estudantes, tiveram a oportunidade e o prazer de desfrutar uma vivência junto a uma aldeia indígena, conhecer a cultura, a língua e o processo de saúde doença daquela comunidade. Ter essas vivências em novas culturas faz com que seja adquirindo uma prática em saúde culturalmente segura e mais diversa, por meio de ações que respeitem, reconheçam, e alimentem a identidade cultural única de um povo e que atenda às suas necessidades, expectativas e direitos, tornando assim, esses então estudantes em futuros profissionais com um olhar global e diferenciado.

Referências

- ALTINI, E. et al. A Política de Atenção à Saúde Indígena no Brasil- Breve recuperação histórica sobre a política de assistência à saúde nas comunidades indígenas. **Publicação do Conselho Indigenista Missionário – CIMI Organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB**. p. 1-28, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3258177/mod_resource/content/1/Brasil%20Cartilha%20Sa%C3%BAde%20Ind%C3%ADgena.pdf
- BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. - 2ª edição - Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002. 40 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_saude_indigena.pdf
- BRASIL. **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022>. Acesso em: 14 de setembro de 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Distrito Sanitário Especial Indígena**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai/estrutura/dsei>. Acesso em: 09 de maio de 2023.
- CORETTO, J. J. G.; GIACOBBE, M. S. **Nuevos desafios em investigación: Teorías, métodos, técnicas e instrumentos**. 1ª ed. 4ª reimp. Buenos Aires. Rosario: Homo Sapiens Educaciones, 2019. 252 p.
- CUENIN, P.; PIRAUX, M. Globalização e estratégias locais: as interações global-local no caso do município de Mocajuba, na Amazônia oriental. **Novos Cadernos NAEA**. v. 23, n. 3, p. 57-80, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/8138/6748>
- Fernandes, M. N. F.; Simpson, C. A. Saúde indígena: experiência de enfermagem com a etnia Munduruku. **Biblioteca Lascasas**, 2016; 12(2). Disponible en <<http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lc0900.php>>
- FERREIRA L. B. et al. Gestão, política e movimentos sociais no Distrito sanitário especial indígena do Alto Rio Negro. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, p. 351-369,

2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/nec/a/vXxqNCXzvK94sNQgCfCmqSx/?format=pdf&lang=pt>

GOMES, M. M. B. et al. Etnoenfermagem: Um Diálogo Entre Enfermagem E Cultura. **Revista de Ciências da Saúde**. v. 21, n. 2, p. 15–24, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rcisaude/article/view/9263/9446>

GOUVEIA, E. A. H. et al. Competência Cultural: uma Resposta Necessária para Superar as Barreiras de Acesso à Saúde para Populações Minorizadas. **Rev. bras. educ. med.** 43 (1 Supl. 1), p. 82 – 90, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190066>.

LEI 8080, de 19 de setembro de

1990, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm, e o Decreto 7508/11, de 28 de junho de 2011 que dispõe sobre a organização do SUS.

MAIA A. S. et al. Os desafios da enfermagem na atenção integral à saúde dos povos indígenas. **Enferm Foco**. 12(2), p. 333-8, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4166/1139>

MUSSI, R. F. F. et al. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**. V. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>

OLIVEIRA, A. G.; RAVELLI, R. C. R. Papel Do Enfermeiro Da Atenção Básica Na Assistência Na Saúde Indígena. Faculdade do Baixo Paraíba -**FAP**. 2020. Disponível em: <https://www.fap.com.br/anais/congresso-multidisciplinar-2020/comunicacao-oral/061.pdf>.

RODRIGUES, R. P. et al. Análise das ações e serviços voltados à saúde indígena nos planos regionais de redes de atenção à saúde do Pará. **Saúde em Redes**, v. 6, n. 3, p. 13-23, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/An%C3%A1lise+das+a%C3%A7%C3%B5es+e+servi%C3%A7os+voltados+%C3%A0+sa%C3%BAde+ind%C3%ADgena+nos+planos+regionais.pdf>

SANTOS, A. B. et al. The nurse in indigenous health: a literature review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 16, p. e259101624004, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i16.24004. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24004>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, M. A. O. et al. O Toré Dos Xukuru-Kariri: Identidade E Autoafirmação Religiosa Indígena Em Palmeira Dos Índios De Alagoas. **Revista Ouricuri**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 014–030, 2020. DOI: 10.29327/ouricuri.10.1-3. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/10397>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, E. C.; et al. Dificuldades vivenciadas pelos profissionais de saúde no atendimento à população indígena. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 1, p. e5413, 10 jan. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/5413-Artigo-61957-1-10-20201228.pdf>

SILVA, E. R. et al. Transculturalidade na enfermagem baseada na teoria de Madeleine Leininger. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. v. 13, n. 2, p. e5561, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5561/3678>

SOUSA, M. V. L. A Educação Indígena E A Educação Escolar Indígena Para O Pleno Exercício Dos Direitos Indígenas. **Revista de Estudos Interdisciplinares**. v. 2, n. 6, 2021. Disponível em: <https://ceeinter.com.br/ojs3/index.php/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/188>

VENANCIO, M. M. R. O Toré Kariri-Xocó na aldeia e na cidade: produção e comunicação indígenas em contextos específicos. **Revista Zabelê**, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/12251-48558-1-PB.pdf>

VIANA, J. A. et al. A atuação do enfermeiro na saúde indígena: uma análise integrativa da literatura. **Braz. J. Hea. Rev.** v. 3, n. 2, p.2113-2127, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/7836>.

VIEGAS, M. E. F. da S. Terra Indígena Xukuru-Kariri: avanços e recuos. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 848–867, 2019. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v4i3.909. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/909. Acesso em: 12 jun. 2023.